

Realização e envio por e-mail, para o endereço [candidaturas@esmae.ipp.pt](mailto:candidaturas@esmae.ipp.pt), de um único documento vídeo. O vídeo apresentado deverá seguir o modelo, que pode ser visionado através do seguinte endereço:

<https://youtu.be/gnTUsuW29TA>

O video de candidatura, com a duração maxima de 15 minutos, deverá conter:

1. uma breve apresentação do candidato
  - a) nome completo
  - b) número do cartão de identificação
  - c) informação sobre a proveniência, cidade e escola
  - d) breve comentário de motivação;
2. um dos textos monologados (apresentados neste documento) com a câmara próxima do rosto
3. o mesmo texto monologado mostrando o candidato em corpo inteiro;

A realização do video deverá ser:

- ininterrupta,
- idealmente sem cortes,
- com camara fixa,
- contendo os três momentos solicitados
- e
- submetida em fixeiro único.

*Cena 1, Primeiro Acto*

**ESGANARELO**

Pois eu compreendo-o facilmente, eu; e se tu conhecesses o peregrino como eu o conheço, acharias a coisa fácil para ele. Eu não digo que ele haja mudado de sentimento para com D. Elvira; não; não tenho ainda a certeza disso. Tu sabes que eu, por ordem sua, parti adiante, e desde que chegou ainda não falamos demoradamente; eu, porém, à precaução, vou-te dizendo, *inter nos*, que tu, em D. João, vês o maior celerado que a terra jamais produziu, um danado, um perro, um demónio, um Turco, um hereje, que não crê em Céu, em santo, em Deus, nem em lobisomem; que passa esta vida como uma verdadeira fera bruta, um porco de Epicuro, um verdadeiro Sardanapalo, que tapa os ouvidos a todas as observações cristãs que lhe possam fazer, e trata como tolices a tudo aquilo em que nós cremos. Tu dizes que ele desposou a tua ama; pois crê no que te vou dizer: para satisfazer a sua paixão faria ainda muito mais; se fosse preciso desposava-te também a ti, ao cão e ao gato. Um casamento não lhe custa nada; é o laço habitual de que se serve para atrair as raparigas: é um casador de mão cheia. Dama, menina, burguesa, aldeã, tudo lhe serve: para ele não há nada demasiado quente, nem demasiado frio; se eu te fosse dizer o nome de todas aquelas com quem casou em diversas terras, tínhamos um capítulo que durava até à noite. Pareces espantado, e mudas de cor ao ouvir tal; pois isto não é mais do que um esboço do personagem; para acabar o retrato era precisa ainda muita pincelada. Basta dizer-te que a ira do Céu tem de cair-lhe um dia na cabeça, e que mais me valeria a mim ser criado do diabo que dele, pois são tais os horrores que lhe vejo, que queria vê-lo não sei onde. Mas um grande que é mau é uma coisa terrível: preciso ser-lhe fiel, custe o que custar; o medo em mim faz de zelo, refreia-me os sentimentos; e obriga-me muitas vezes a aplaudir aquilo que detesto. Olha, ele acolá vem passear a este palácio; separemo-nos.

DOM JOÃO OU O CONVIDADO DE PEDRA  
Comédia-drama em 5 actos  
Molière  
Tradução de Henrique Braga  
1971 - LELLO & IRMÃO – EDITORE

*Cena III, Primeiro Acto*  
*D. Elvira, D. João e Esganarelo*

**D. ELVIRA**

Sim, vejo que não me esperava; e também vejo que está surpreendido, mas não como eu esperava; a surpresa que lhe noto persuade-me plenamente do que eu recusava acreditar. Admiro a minha ingenuidade, e a fraqueza do meu coração que não se resolvia a crer numa traição que tantas aparências confirmavam. Confesso que fui boa, ou melhor, fui louca, a ponto de querer iludir-me a mim mesma, esforçando-me em desmentir os meus olhos e o meu juízo. Inventei motivos que desculpassem à minha ternura o afrouxamento da amizade que ela vinha notando no senhor; forjei na imaginação cem motivos plausíveis à sua precipitada partida, pretendendo justificá-lo do crime de que a minha razão o acusava. Por muito que as minhas suspeitas dia a dia me dissessem, bania de mim a voz que o acusava a meus olhos, e dava, gostosa, ouvidos às mil ridículas quimeras que o mostravam inocente ao meu coração. Esta recepção, porém, já não me deixa ilusões; o olhar com que me recebeu diz-me muito mais do que eu quisera saber. Estimaria, não obstante, ouvir da sua boca os motivos que o obrigaram a deixar-me. Fale, D. João, peço-lho, quero ver como se pode justificar.

(...)

Basta. Não quero ouvir mais; acuso-me de ter até ouvido demais. É cobardia consentir que nos expliquem a nossa vergonha; em tais assuntos, um coração nobre, à primeira palavra, toma o seu partido. Não penses que eu me desate em lamentos e em censuras; não; a cólera que sinto não se exala em palavras vãs; reserva todo o seu ardor para a vingança. Repito-to, outra vez: o Céu te punirá, pérfido, do ultraje que me fazes; e se o Céu, para ti, não tem nada que te faça tremer, treme da cólera de uma mulher ofendida.

*DOM JOÃO OU O CONVIDADO DE PEDRA*  
*Comédia-drama em 5 actos*  
*Molière*  
*Tradução de Henrique Braga*  
*1971 - LELLO & IRMÃO – EDITORES*

*Cena I, Segundo Acto*  
*Carlota e Pedrote*

**PEDROTE**

Olha, Carlota, eu te vou contar fino ó direito como aquilo foi; porque, como diz o oitro, eu fui que os avistei primeiro, primeiro os avistei eu. Enfim, estávamos, eu e o Lucas, à borda do mar; estávamos a atirar-nos um ao outro com torrões de terra que nos botávamos, eu a ele e ele a mim; tu bem sabes que o Lucas gosta de brincar, e eu, às vezes, também de brincar gosto. A brincar pois, já que brincar há, enxarguei ao longe, longe, uma coisa que fervia na auga, e que vinha pró nosso lado de cando em cando. Eu via aquilo fixibelmente, e ó depois via que já não via nada. Ó Lucas, dixe eu assim, parece que andam acolá uns homes a nadar. Dixo ele assim: tens morrão nos lúzios: foste ver morrer algum gato e ficou-te a vista truva. Eu não tenho a vista truva, dixe eu assim; são homes. Não são tal, dixo ele; tens catratas. Queres apostar, dixe eu assim, que não tenho catratas, e que são dois homes, dixe eu, que nadam prâ terra, dixe eu assim? Aposto que não, dixo ele assim. Queres tu, dixe eu assim, apostar um tostão que sim? É pra já, dixo ele assim; e pra te provar que aposto, aí vai o tostão, dixo ele. Eu não quis saber mais, deitei-lhe logo ali dois patacos, e um vintém, tão valente como se estivesse a beber uma caneca de vinho; porque eu sou atrevido, eu; ninguém me põe o pé ó diente. Ademais eu bem sabia ó que fazia. Sim, que eu sou tolo! Enfim, inda mal tínhamos acabado d'apostar que vimos em cheio os dois homes a fazerem-nos sinais de os ir buscar; eu logo ali levantei a aposta. Olha lá, Lucas, dixe-lh'eu, bem vez que os homes estão-nos a chamar; vamos depressa ajudá-los, anda. Não vou, me dixo ele assim; fizeram-me parder a aposta. Oh! então, palavra puxa palavra, eu tanto lhe dixe, que por fim nos botámos numa canoa, e lá fumos conforme pudemos até que os tirámos da auga; levámo-los pará nossa casa, e os plantámos a aquecer ao lume; despiram-se até ficar em pelote para secar; ó depois vieram ainda mais dois lá do bando deles que se tiraram da auga confrone puderam; óspois veio a Maturina, e um deles parecia que a queria comer com os olhos. Assim é que foi, Carlota, como a coisa foi.

*DOM JOÃO OU O CONVIDADO DE PEDRA*  
*Comédia-drama em 5 actos*  
*Molière*  
*Tradução de Henrique Braga*  
*1971 - LELLO & IRMÃO – EDITORES*

**Cena I, Terceiro Acto**

*D. João (vestido com um traje do campo); Esganarelo (vestido de médico)*

**ESGANARELO**

Então a sua religião, pelo que vejo, é a aritmética? Forçoso é confessar que às vezes sempre se mete cada tolice na cabeça dos homens! É que à força de ter estudado, pode ser que se tenha menos juízo. Eu por mim, e graças a Deus, não estudei como o senhor; não há ninguém que possa gabar-se de me ter ensinado nada; mas eu, com o meu reles juízo, com o meu escasso entendimento, vejo as coisas melhor que todos os livros as vêem, e compreendo muito bem que este mundo que vemos não é um tortulho que nascesse por si só numa noite. Sempre quisera que o senhor me dissesse quem é que fez estas árvores, estes rochedos, esta terra, aquele céu acolá por cima, ou se tudo isto se fez por si só? O senhor, por exemplo, está aí; foi o senhor que se fez sozinho, ou foi preciso que seu pai casasse com sua mãe para o fazer? E então todas estas invenções que constituem a máquina do homem, quem as pode ver sem admirar a maneira como elas se ligam umas às outras? Estes nervos, estes ossos, estas veias, estas artérias, estas... este pulmão, este coração, este fígado, e todos os outros ingredientes que estão aqui e que... Mau! Interrompa-me ao menos, faça favor. Se não me interrompem, não sei disputar. O senhor cala de propósito, e deixa-me falar para que me espete.

(...)

O meu raciocínio, por muito que o senhor diga, é que há no homem coisas admiráveis que os mais sábios não podem explicar. Ora diga-me se não é uma maravilha o eu estar aqui, e ter o não sei o quê nesta cabeça que pensa cem coisas diferentes num momento, e que faz fazer ao meu corpo tudo o que quer? Quero bater as mãos uma na outra, erguer o braço, levantar os olhos para o céu, abaixar a cabeça, mexer os pés, ir para a direita, para a esquerda, para diante, para trás, dar voltas... *(Deixa-se cair, volteando.)*

*DOM JOÃO OU O CONVIDADO DE PEDRA*

*Comédia-drama em 5 actos*

*Molière*

*Tradução de Henrique Braga*

*1971 - LELLO & IRMÃO – EDITORES*

*Cena II, Quinto Acto*  
*D João e Esganarelo*

## D. JOÃO

Ser hipócrita, hoje em dia, traz grandes vantagens consigo. É uma arte, cuja impostura é sempre respeitada; ainda que a descubram ninguém se atreve a falar contra ela. Todos os outros vícios dos homens estão expostos à censura, e não há pessoa que não tenha a liberdade de os atacar como queira; a hipocrisia não; essa é um vício privilegiado, que, com a própria mão, tapa a boca a toda a gente, e goza tranquilamente de uma impunidade soberana. Todos os membros do seu partido estão intimamente unidos entre si. Quem ofende um, atrai-se as iras de todos. Os próprios que, no conhecimento de todos, andam naquilo de boa-fé, são os primeiros a ser logrados: caem como patos perante as artimanhas dos finórios, e apoiam cegamente os que lhes macaqueiam as acções. Quantos crês tu que eu conheço que, por este estratagemas, conseguiram refazer-se das desordens da juventude; e são agora impunemente os homens mais perversos do mundo sob a égide da religião? Por muito que todos lhes conheçam os podres, e saibam o que na realidade eles são, não deixam por isso de gozar crédito e ser bem aceites por todos: uma cabeça baixa, um suspiro de contrição, dois olhos em alvo, é quanto basta para que se lhes desculpe quanto possam fazer. É pois sob essa aparência favorável que eu quero pôr-me a salvo, e salvar o que me pertence. Não deixarei por isso os meus doces hábitos; terei porém o cuidado de me ocultar, e divertir-me-ei à socapa. Que me venham a descobrir, que me importa? Sem me inquietar, nem para isso dar um passo, verei toda a cabala proteger os meus interesses, e serei por ela defendido contra tudo e contra todos. Ai tens o verdadeiro meio de eu poder impunemente fazer quanto me aprouver. Hei-de erigir-me em censor das acções dos outros, hei-de julgar mal de todos, e só à minha pessoa é que terei em boa opinião. Venha alguém ofender-me no mais mínimo: nunca lho perdoarei, e reservar-lhe-ei, à calada, um ódio implacável. Far-me-ei vingador dos interesses do Céu, e sob esse cómodo aspecto, perseguirei os meus inimigos, acusando-os de ímpios, e desencadearei contra eles uma legião de zelosos indiscretos que, sem mesmo saberem do que se trata, clamarão em público contra eles, cobrindo-os de impropérios, e declarando-os por autoridade própria condenados ao inferno. Aí tens como nós devemos aproveitar-nos das fraquezas dos homens, e como um espírito sensato se acomoda com os vícios do seu século.

DOM JOÃO OU O CONVIDADO DE PEDRA  
*Comédia-drama em 5 actos*  
Molière  
Tradução de Henrique Braga  
1971 - LELLO & IRMÃO – EDITORES